



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL ENTRE DESAFIOS E
PERSPECTIVAS: UM ESTUDO DE CASO NA EJA NA E. E. PROFº JOAQUIM
TÔRRES – SERRA DE SÃO BENTO/RN**

**Guarabira - PB
Outubro/2017**

FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL ENTRE DESAFIOS E
PERSPECTIVAS: UM ESTUDO DE CASO NA EJA NA E. E. PROFº JOAQUIM
TÔRRES – SERRA DE SÃO BENTO/RN**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: História, Ensino e Currículo

Orientação: Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

**Guarabira - PB
Outubro/2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

R696e Rodrigues, Francisco Das Chagas.

O ensino de história na era digital entre desafios e perspectivas [manuscrito] : um estudo de caso na EJA na E. E. Prof. Joaquim Tôres - Serra de São Bento/RN / Francisco Das Chagas Rodrigues. - 2017
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rivaldo Amador de Sousa ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Ensino de história. 2. EJA. 3. Celular.

21. ed. CDD 981

FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES

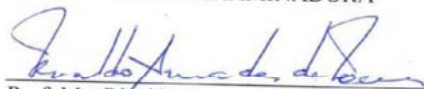
O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL ENTRE DESAFIOS E
PERSPECTIVAS: UM ESTUDO DE CASO NA EJA NA E. E. PROFº JOAQUIM
TÓRRES – SERRA DE SÃO BENTO/RN

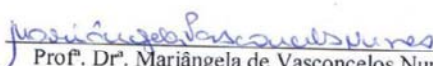
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.


Área de concentração: História, Ensino e Currículo

Aprovada em: 13/11/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Mariângela de Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Maria de
Lourdes Pedro Rodrigues [*in*
memoriam].

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por me conceder forças e sabedoria para prosseguir no curso de História no decorrer destes cinco anos. A minha família, em especial a minha mãe por toda orientação e incentivo, ela que me proporcionou entender a importância da educação em minha vida, a minha esposa e filho por estar sempre ao meu lado em todos os momentos sejam estes bons ou ruins. Ambos me apoiaram me auxiliando a concluir o curso.

Ao orientador e companheiro de jornada Me. Rivaldo de Sousa o meu muito obrigado por me aceitar como orientando, pela confiança e dedicação, pois, mais do que conhecimentos partilhados me proporcionaste entender na prática o quanto é imprescindível a relação professor/aluno. Nos momentos mais difíceis me fizeste acreditar que tudo daria certo.

Quero ainda agradecer a banca que dará uma significativa contribuição a esta pesquisa que está em andamento.

A instituição, *locus* da pesquisa por acolher e nos permitir esta experiência enriquecedora (Ao diretor Oziel e a vice-diretora Jacira Faustino). E especialmente aos professores Hélio Carolino e Gil Ribeiro que me receberam em sala de aula.

Aos colegas de turma (2012.1) Donato e Ladijane pelo companheirismo em todos os momentos partilhados.

“A História está envolvida em um fazer orgânico: é viva e mutável”
(Leandro Karnal, 2015)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2 SITUANDO A ESCOLA NO CONTEXTO.....	08
2.1 conhecendo o lócus da pesquisa: algumas informações	08
2.2 a comunidade e a escola.....	09
2.3 perfil da escola e do discente.....	10
3. ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS.....	15
3.1 da educação básica à EJA	15
3.2 EJA: o ensino de história na atualidade e as inovações pedagógicas.....	18
4. O CELULAR NA PRÁTICA DE ENSINO: PERSPECTIVAS E INCERTEZAS	19
4.1 a escola na era digital	19
4.2 o digital, o virtual: o uso do celular nas aulas de história.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24
ANEXO.....	26

O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL ENTRE DESAFIOS E PERSPECTIVAS: UM ESTUDO DE CASO NA EJA NA E. E. PROFº JOAQUIM TÔRRES – SERRA DE SÃO BENTO/RN

Francisco das Chagas Rodrigues.¹

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar as dificuldades encontradas na prática de ensino de história nas turmas de EJA do fundamental II da Escola Estadual Profº Joaquim Tôres no município de Serra de São Bento/RN, tendo como foco principal de estudo o uso do celular em sala de aula. Este aparato tecnológico se introduz na sala de aula pelos educandos, mas não são redefinidos para uma função específica no processo de ensino/aprendizagem. Assim, cabe ao educador, juntamente com a comunidade escolar, (re)pensar estratégias de utilização desta tecnologia no auxílio da apreensão e construção do conhecimento. Além de tudo isso, um uso apropriativo dessa tecnologia pode amenizar o alto índice de evasão e repetência que tende a ser intenso no ensino noturno da EJA.

Palavras-Chave: Ensino de história. EJA. Celular.

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de nossas experiências obtidas durante o período de Estágio Supervisionado III na Escola Estadual Professor Joaquim Tôres, localizada no município de Serra de São Bento, no Estado do Rio Grande do Norte. A partir dessas vivências se busca entender como se dá, nos dias atuais, o ensino de história enquanto disciplina escolar.

No primeiro contato foi possível perceber que há um público muito reduzido no ensino noturno e os mesmos muitas vezes se encontram dispersos pelos corredores da instituição. É em meio a estas e outras situações cotidianas que nos vem alguns questionamentos acerca do ensino na atualidade. Que alunos queremos formar? Como fazê-lo interessarem pelo ensino de história, enquanto um saber necessário para seu cotidiano? Essa e outras questões tornam-se

¹ Aluno no Curso de Graduação na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira-PB. Email: franciscocrodrigues123@gmail.com

norteadoras na hora de ir definitivamente a campo para observar.

Ao analisar o contexto histórico do ensino da EJA no Brasil é possível constatar que desde o início a alfabetização de jovens e adultos vem interligada à oralidade como metodologia de ensino. No lócus da pesquisa foi constatado, como concerne o planejamento voltado às turmas da EJA, que inicialmente tendem a ter, em sua maioria, uma proposta didática “atrativa”, no que se refere à percepção dos educandos, com isto se pretende reduzir o alto índice de evasão e repetência que se faz presente todo o ano letivo.

A escola conta com um público (no que tange as turmas da EJA) que já se apresenta desestimulado e não vê na aprendizagem perspectivas de melhoria de vida. E é pensando nesta situação problema – falta de interesse e estímulo - que a escola busca, juntamente com a comunidade, estratégias que possam contribuir com a prática de ensino/aprendizagem dentro do âmbito escolar. Mas, para isto, ela precisa, de princípio, que também a comunidade escolar (pais, alunos, professores e demais funcionários da instituição) compreenda a importância da participação de todos de forma direta na tomada de decisão no que vincula-se a elaboração de instrumentos que possibilitem melhores resultados.

Na busca por inovações pedagógicas podemos contar com uma variedade de ferramentas e entre elas a TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) que, querendo ou não, já se fazem presente no espaço escolar por meio dos educandos, assim como suporte pedagógico das escolas, mesmo que estes não sejam utilizados em sala pelos professores. Ao pensar em informação em sala, temos os celulares que se introduzidos (pelos educadores) de forma consciente e crítica tendem a funcionar como recursos importantíssimos no processo de ensino aprendizagem. Todavia, se isto não acontece estes tendem a interferir de forma negativa na dinâmica de ensino na sala de aula. Mas para que de fato tudo isto seja pensado e concretizado é necessário previamente que haja uma alfabetização tecnológica (professores), pois de nada adianta inserir aparatos tecnológicos na sua prática de ensino sem que estes sejam pensados de maneira didática e pedagogicamente para tal fim.

2. SITUANDO A ESCOLA NO CONTEXTO

2.1 Conhecendo o lócus de pesquisa: algumas informações

A cidade de Serra de São Bento está localizada na microrregião da Borborema potiguar, fica a 125 km de Natal capital do Rio Grande do Norte. No último censo realizado

no município, em 2015, São Bento possuía uma população de 5.743 pessoas, portanto sua densidade demográfica é de 59,43 habitantes por km². A sua economia gira em torno de diferentes atividades desenvolvidas pela população economicamente ativa e não ativa e que não difere de muitos municípios localizados nessa região. A indústria têxtil, o funcionalismo público, o ecoturismo e a aposentadoria geram a maior parte da renda total do município. Em 2015, o salário médio mensal era de 1.7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação a população total era de 6.2% na comparação com outros municípios do estado, considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 54% da população vivendo nessas condições².

De acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2015 a nota média do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) no município fora de 3.6 para os anos iniciais da rede pública e 3.5 para os anos finais, ou seja, segunda fase do Ensino Fundamental. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 97.5 em 2010. Isso posicionava a cidade na colocação 100 das 167 existentes no Estado³.

2.2 A comunidade e a escola

A escola consiste em um espaço privilegiado de descobertas, produção, construção e socialização de saberes. É neste espaço que habilidades e competências tornam-se foco de desenvolvimento. Para Soek (2009, p.30), “A escola permite outros aprendizados diferentes dos realizados em contextos não escolares”. É partindo dos conhecimentos prévios que os alunos dispõem, tanto do convívio familiar quanto daquele adquirido das relações sociais, que os educadores podem ajudá-los na construção de novos conhecimentos.

Segundo Soek (2009),

A organização do trabalho pedagógico deve valorizar os interesses individuais e o ritmo de aprendizagem do alfabetizando e considerar os saberes adquiridos na informalidade de suas experiências cotidianas e na prática do trabalho, criando espaços interativos que permitam vencer os obstáculos de modo confiante, valorizando seus progressos e promovendo a autoestima (SOEK, 2009, p.44).

² Ver: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/serra-de-sao-bento/panorama>. Acesso em: 20 de set 2017

³ Ver: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/serra-de-sao-bento/panorama>. Acesso em: 20 de set 2017

Sabendo que nas turmas da EJA há educandos em diferentes níveis de alfabetização, e cabendo ao educador suprir essas necessidades individuais e que, ao mesmo tempo, se faz coletiva porque em sua maioria os jovens que ali se encontram buscam melhores condições de vida por meio de aperfeiçoamento ‘para o mercado de trabalho. Em meio a esta análise, Schwartz (2012) traça um perfil dos alunos que constituem as turmas de EJA:

Os alunos desta modalidade encontram-se já em idade de pertencer ao mundo do trabalho, não dispoendo de tempo fixo disponível, o que o faz abandonar, repetidas vezes, a escola. As classes de EJA também acolhem sujeitos com nível cultural e educacional diferenciado o que faz do espaço da sala de aula um ambiente rico e marcado pela diversidade (SCHWARTZ, 2012, p.13).

E a nossa realidade não se diferencia desta, pois aí se encontra uma das maiores dificuldades dos educandos, conseguirem manter-se em sala de aula após um cansativo dia de trabalho. Então, nos questionamos a todo momento: Como despertar um interesse destes alunos? O que fazer para que nossas aulas sejam de fato produtivas e ao mesmo tempo necessárias ao cotidiano destes alunos? Estas e muitas outras questões nos norteiam na hora do planejamento e prática pedagógica.

Torna-se indispensável se discutir a importância que o aprimoramento do conhecimento tem na vida do educando, mas para isto é preciso também considerar o contexto familiar do qual se origina aquele aluno, pois em boa parte os pais são analfabetos ou analfabetos funcionais que, segundo a “UNESCO, são pessoas com menos de quatro anos de escolaridade” (SCHWARTZ, 2012, p.27)

Quando analisamos as peculiaridades que compõe esta realidade torna-se indispensável se pensar estratégias que possam vir nos auxiliar no que tange promover a participação da comunidade nas questões relevantes para a aprendizagem e funcionamento escolar como um todo. E é por meio destes esclarecimentos a respeito da importância da educação, não só para os alunos, mas também para a comunidade que também se beneficiará dos resultados oriundos desta formação, que será possível, talvez, ir contra esta realidade que insiste em permear a Educação de Jovens e Adultos.

2.3 Perfil da escola e do discente

A nossa pesquisa teve início com uma visita informal⁴ à instituição de ensino, Escola Estadual Professor Joaquim Torres, Serra de São Bento/RN, para conversar com o professor

⁴ Essa visita informal se deu no dia 14 de março de 2016.

responsável pelo ensino de história nas turmas de ensino médio e EJA, assim como com o diretor responsável. A partir deste primeiro contato foram agendados alguns dias, nos quais podemos observar a estrutura física, fotografar e conversar com o diretor a respeito do funcionamento geral da escola. Essas informações foram necessárias para, a partir delas podermos de fato desenvolver o nosso estágio.

A escola conta com o seguinte quadro de funcionários:

TABELA 01: Quadro de funcionários

FUNCIÓNÁRIO/ CARGO	QUANTIDADE	ATUANDO NA ÁREA DE FORMAÇÃO	TEM, MAS NÃO É DA ÁREA
Profº Arte	02	X (01)	X (01)
Profº Biologia	01	X	
Profº Ciências	02	X	
Profº Ed. Física	01	X	
Profº Espanhol	01		X
Profº Filosofia	---		
Profº Física	---		
Profº Geografia	03	X	
Profº História	02	X	
Profº Inglês	02	X	
Profº Matemática	01		
Profº Português	04	X	
Profº Química	---		
Profº Religião	02	X (01)	X (01)
Profº Sociologia	---		
Bibliotecário (a)	---		
Diretor (a)	01		
Func. Limpeza			
Func. Laboratório de Informática	----		
Func. Da Secretária	06	X	
Merendeiras	04		
Suporte Pedagógico	02	X	
Vice-diretor (a)	01		
Vigia	03		

FONTE: Dados obtidos a partir de entrevistas feitas com a direção

A escola, no ano letivo de 2016, contava com um quadro de 40 funcionários no geral, onde 36 eram do quadro efetivo do Estado e 4 eram terceirizados. No momento, a instituição contava com 15 professores que desenvolviam as suas atividades nos turnos da manhã, tarde e

noite. Alguns desses docentes, além de desenvolverem atividades concernente a sua área específica, também tendem a suprir a necessidade do quadro de professores da instituição, lecionando disciplinas diferentes da sua formação.

Além desse problema que a instituição enfrentava, algumas outras situações tornava difícil o desenvolvimento das atividades educativas. Uma delas era a falta de professores para fechar o quadro de docentes da escola. Por esta razão os alunos dificilmente permaneciam até o quinto horário na sala de aula.

No geral foram matriculados 467 alunos: no matutino eram 179 alunos; no vespertino 201 e no noturno eram 87, sendo 37 destes alunos matriculados na EJA e o restante destes discentes estão divididos entre os 1º ano “c”, 2º “b” e 3º “b” do Ensino Médio. Vale bem lembrar que o número de alunos oscila de acordo com o fluxo de transferência ocorridas durante o ano letivo⁵.

Foto 01: Frente da Escola Estadual Professor Joaquim Torres - Serra de São Bento/RN



Fonte: Arquivo do autor

⁵ Esses dados foram obtidos no período em que realizamos o Estágio Supervisionado, no ano de 2016.

Foto 02: Áreas internas da escola



Fonte: Arquivo do autor

Foto 03: Sala de Professores e laboratório de informática



Fonte: arquivo do autor

Quanto a sua estrutura física a escola conta com:

- Uma cozinha;

- Uma biblioteca, onde funciona junto um cantinho de vídeo;
- Uma sala dos professores, um lugar razoável de acordo com a estrutura da escola;
- Uma sala de informática, a qual se mantém estruturada, mas não funciona normalmente;
- Quatro banheiros, sendo um masculino, um feminino, um para deficientes e um dos professores;
- Sete salas de aula funcionando normalmente;
- Dentro da escola também há um pátio sem muita estrutura para prática esportiva, mas os alunos brincam nesse local;
- Na sala dos professores tem: dois Data Show, duas TV com DVD e instrumentos musicais que são usados pelos alunos nos ensaios para o dia 7 de Setembro e para os alunos do Programa Mais Educação;
- Um espaço onde o primeiro lugar é a secretária e em seguida a diretoria.
- Um bebedouro;
- Uma cisterna;
- Dentro do quadro de funcionários a escola dispõe de dois suportes pedagógicos;
- Uma área de palestra próxima a cozinha e a diretoria.

Durante os primeiros dias de aula da instituição de cada ano é realizada a semana da jornada pedagógica da escola. Observando as demandas atuais da sociedade e respeitando as leis vigentes da educação, aborda temas como: o significado da comunidade escolar; grêmios estudantis; avaliação; planejamento; Ensino noturno diferenciado. O intuito destes temas apresentados tem como objetivo dar significados às práticas escolares, fazendo refletir o papel da escola e da família no processo de ensino e aprendizagem. Durante essa semana a escola ainda conta com a participação da comunidade escolar em geral, convidam alunos, pais, os representantes da câmara municipal da cidade, os conselheiros tutelares, autoridades, grêmios estudantis e SINTE/RN (Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Rio Grande do Norte), esse último oferece palestra sobre as necessidades de direitos feridos dos servidores.⁶

Em relação ao PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola não tivemos acesso. Segundo a direção, esse documento não estaria disponível porque ainda se encontrava em processo de atualização. É verdade, que a cada dois ou três anos o PPP deve ser revisto,

⁶ Ver: Blog Erinilson Cunha. Disponível em: <http://erinilsoncunhablogspot.com.br> Acesso em: 03/05/2016

repensado e reelaborado de acordo com as ações que a escola pretende realizar e alcançar determinados objetivos.

Foi possível constatar a evasão dos estudantes do ensino da EJA. Nessa modalidade encontramos um número de adolescente superior ao de adultos. Uma das razões que explicam essa presença numerosa de alunos adolescente na EJA é a necessidade que esses jovens tem de trabalharem no limiar da vida. Outras razões encontradas são a desmotivação, a gravidez precoce, a reprovação, além da vulnerabilidade que esses adolescentes vivem. De acordo com a legislação, somente a partir dos 15 anos os adolescentes podem ser matriculados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA⁷.

De acordo com Soek (2009)

A EJA, de acordo com a Lei nº 9.394/96, é uma modalidade da educação básica com especificidades próprias que deve, por isso, receber um tratamento conseqüente. Para tanto, além das adequações curriculares que orientam o que ensinar, deve-se também, levar em conta a forma, ou seja, como ensinar. (SOEK, 2009, p.43)

Desta forma, é preciso adequar o currículo da EJA noturno de acordo com as particularidades existente naquele espaço.

3. ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

3.1 Da educação básica à EJA

Nos dias atuais a EJA vem atendendo a um público cada vez mais jovem. Isto se deve a demanda de educandos que se encontram numa faixa etária acima do que seria “adequado” para o ensino regular.

Quando pensamos na educação de jovens e adultos (EJA) subtende-se um público alvo que não teve oportunidade de ser alfabetizado na idade certa. Por um lado, a realidade educacional brasileira, mesmo investindo na educação básica, propícia cada vez mais o aumento desta demanda quando nos anos iniciais da alfabetização não disponibiliza um ambiente atrativamente rico de significados o qual possa despertar neles o interesse e a busca pelo conhecimento. Na verdade, esse investimento parece bastante diminuto para permitir qualquer mudança no sistema educacional e oferecer, nesse sentido, melhores perspectivas.

⁷ Ver: BRASIL. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Resolução Nº 3, de 15 de junho de 2010.

Nesse sentido, Schwartz afirma que “o investimento prioritário na educação básica, incluindo a grande maioria das crianças na escola, tinha por pressuposto estancar também a ‘produção’ de analfabetos jovens e adultos” (2012, p. 33).

Todavia, como já afirmamos acima, isto não acontece. A inserção das crianças no espaço escolar não garante sua permanência e aí está a raiz do grande número de adolescentes na EJA. Quando há essa evasão no ensino fundamental esses jovens, em sua grande maioria, não se encontram alfabetizados e chegam ao ensino noturno – na EJA - apresentando enormes dificuldades no processo de aprendizagem e a tendência desses educandos é evadir uma segunda vez.

O índice de evasão na EJA chega a uma média de 50%, “segundo pesquisa realizada pelo banco mundial, especialmente dentre os que estão na fase de alfabetização” (SCHWARTZ, 2012, p.33). De acordo com estes dados é possível constatar que no Brasil metade dos alunos matriculados na EJA tendem a evadir em algum momento do seu percurso educacional.

Proporcionar aos alunados jovens e adultos um ensino de acordo com sua realidade, considerando os saberes e experiências que esses educandos já tenham adquiridos é, inicialmente, devolvê-lo aquilo que lhe foi tirado, a capacidade de ser agente transformador do processo histórico. Essa é uma das condições de fundamental importância no processo de aprendizagem deste público.

Esses sujeitos possuem uma bagagem de conhecimento adquiridos em outras instâncias sociais, visto que a escola não é o único espaço de produção e socialização dos saberes. Estas experiências de vida são significativas para o processo educacional e devem ser consideradas. (SOEK, 2009, p.22)

De acordo com Ribeiro (2001, p.10), discutir “a teorização da oralidade e da cultura escrita” é debater os impasses que envolvem a inserção desses jovens e adultos no espaço escolar, do qual foi afastado por diferentes motivos. Espaço este que tende a ter sua prática condicionada pelas alterações socioeconômicas e culturais, das quais no mundo contemporâneo, as tecnologias da comunicação vêm modificando conteúdos tradicionais de ensino. Os conhecimentos se assemelham e diferenciam-se com práticas culturais de ensino ditas tradicionais e modernas.

Estas aprendizagens caracterizam um novo paradigma para a educação, em que o aprender passa a ocupar o centro das preocupações e a aprendizagem ganha novo significado, deixando de ser vista como a simples aquisição e

acumulação de conhecimentos, passando a ser concebida como um processo de apropriação individual que, embora utilize as informações, o faz de forma totalmente diferente, pois supõe que o próprio educando vá buscá-las, saiba selecioná-las de acordo com suas próprias necessidades de conhecimento (MERCADO, 1999, p.37)

O uso de diferentes fontes de informação nos permite superar as limitações impostas pela “falta” de material didático e recursos desenvolvidos especificamente para as turmas da EJA, apesar de termos atualmente disponibilizados para os alunos livros da EJA. O que de fato nos impulsiona a questionar a eficácia deste fazer pedagógico é a ausência de um planejamento adequado para aquele alunado que compõem as turmas da Educação de Jovens e Adultos, planejamento este que vise suprir as necessidades mais imediatas que os levou a retornar a sala de aula.

Na percepção de Soek (2009):

O grande desafio, portanto, é romper com a postura fatalista e criar possibilidades para uma prática escolar capaz de minimizar as dificuldades que os alfabetizadores trazem e respeitar a autonomia de aprendizagem e as diferenças individuais, assegurando o acesso e a permanência dos jovens e adultos no processo educacional (SOEK, 2009, p. 24)

De acordo com Ribeiro (2001), saber como lidar com as situações ou problemas específicos da Educação de Jovens e Adultos em meios às novas propostas de abordagens e métodos de ensino é uma das habilidades que o professor deve dominar em sala de aula. Trazer essa diversidade metodológica para explorar os conteúdos que devem, segundo o currículo da EJA, serem explorados pode ser uma saída para conter a evasão, promover o interesse do educando e permitir-lhe a construção de uma nova perspectiva que assegura vislumbrar um futuro melhor. No entanto, tudo isso depende de como a escola e o educando se envolve numa pedagogia inovadora dentro do processo histórico-cultural desse público.

Como ainda afirma Ribeiro (2001, p.11), “as práticas sociais em que a leitura e a escrita se realizam e que abarca não só sua aprendizagem inicial, mas diversos níveis e tipos de habilidade cognitiva”.

Ao longo do tempo a prática histórica escolar vem colocando os educadores em alta relevância para abordar temas na sociedade contemporânea, principalmente quando abordamos fatos da atualidade e desafios vivenciados no campo da Educação de Jovens e Adultos e enriquecemos por novas perspectivas teóricas para essas aprendizagens.

Para Ribeiro (2001, p.17), “os processos de construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos são, assim, muito menos explorados na literatura psicológica do

que aqueles referentes às crianças e aos adolescentes”. Ainda segundo a autora, é importante considerar a idade adulta como um momento de estabilidade e de ausência de mudanças no desenvolvimento ou na característica da vida cultural e social desse adulto.

3. 2 EJA: o ensino de história na atualidade e as Inovações pedagógicas

Segundo Karnal (2015, p. 28), “quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer”. E a partir disto podemos perceber o quanto se faz necessário haver essa aproximação entre a prática em sala de aula e a relação desta com o cotidiano do educando.

Quando se pensa em ensino/aprendizagem de história logo nos vem à mente uma das principais características que marcou o ato de lecionar antes dos anos 70, a metodologia tradicional de memorização. Na qual não contemplava os saberes prévios do educando, pelo contrário, a figura do professor, correspondia aquele que detinha o saber, o qual seria transmitido aos alunos, que nada ou pouco sabiam. E durante muitos anos esta foi a função do processo de ensino de história. Nesse método de ensino, “aprender história significava saber de cor nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos”. Nesse modelo de ensino não havia espaço para uma relação professor/aluno. Ainda de acordo com a autora “aprender era memorizar” (BITTENCOURT, 2011, p.67).

Com a quebra de paradigmas, um movimento de renovação se instaurou, promovendo, portanto, uma necessidade de se (re)pensar a prática pedagógica que norteava o processo de ensino, de forma a contemplar a participação do aluno, de modo a colocá-lo como sujeito do processo de aprendizagem.

Desde o fim do século XIX, podia-se encontrar uma literatura pedagógica que sugeria a necessidade de novos métodos, baseados em autores como Montessori, por intermédio dos quais se introduziam propostas dos denominados métodos ativos, que incentivavam a participação e o envolvimento dos alunos na aprendizagem (BITTENCOURT, 2011, p.70)

Sendo assim, o ensino de história precisa abarcar não só mudanças metodológicas, mas também aquelas voltadas para os recursos de ensino/aprendizagem, já que na atualidade com o avanço tecnológico os educadores podem contar com diferentes aparatos tecnológicos

que podem auxiliá-los no dia a dia.

Na Educação de Jovens e Adultos nos deparamos, na maioria das vezes, com alunos que encontraram dificuldades na alfabetização em período regular o que de certa forma interfere no seu retorno a sala de aula.

Segundo Schwartz (2012),

Os alunos de EJA em função de fracassos anteriores possuem muitas vezes, uma baixa autoestima; portanto, precisam ser motivados, e o educador deverá buscar diferentes maneiras de promover e despertar o interesse e entusiasmo e acima de tudo mostrar a esses alunos que é possível aprender (SCHWARTZ, 2012, p.13)

É pensando na atual prática educacional direcionada as turmas de EJA que se torna cada vez mais essencial se repensar as metodologias de ensino de histórias, a qual se prende a exposição oral e pesquisas nos livros didáticos sem que sejam levados em consideração as necessidades e anseios que tem o educando na hora do planejamento.

São muitos os motivos que levam o aluno do ensino regular à EJA. Igualmente, também, são as situações que não contribuem para sua permanência em sala.

4. O CELULAR NA PRÁTICA DE ENSINO: INCERTEZAS E PERSPECTIVAS

4.1. A escola na era digital

A escola é, por excelência, o espaço onde se constrói um saber sistematizado, sem, no entanto, desconsiderar o conhecimento prévio que o educando adquire ao longa de sua vida em outros espaços. É o espaço de propagação e formação das relações do ser individual e coletivo. De acordo com Haydt, “a escola, como instituição social e agência formadora, é o centro da educação sistemática, e tem como função básica a transformação sistematizada do conhecimento universal” (2009, p.126).

Se a escola é o espaço que permite ao aluno se entender como sujeito histórico, esta não pode manter-se excluída das transformações de cunho socioeconômica e cultural oriundas da revolução tecnológica. Pois é através da apreensão das temporalidades que cercam o conhecimento histórico, que podemos entender quais os caminhos e possibilidades de utilização das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) no espaço escolar, tendo em vista que estas se fazem presente de forma direta e indireta na propagação das informações dentro e fora do mesmo.

Segundo Karnal (2015),

O conceito de tempo supõe também que se estabeleçam relações entre continuidade e ruptura, permanências e mudanças/transformações, sucessão e simultaneidade, o antes-agora-depois. Leva-nos a estar atentos e fazer ver a importância de se considerarem os diversificados ritmos do tempo histórico quando situamos na duração dos fenômenos sociais e naturais. (KARNAL, 2015, p. 45)

E é pensando nestas perspectivas de mudança, de ser a história um conhecimento mutável e assim também o fazer pedagógico, que se torna indispensável pensar a escola como um lugar de transformação. Não é possível “fechar os portões” da instituição para as mudanças oriundas da revolução tecnológica, pois se não nos adequarmos à dinâmica do tempo, corremos o risco de sermos considerados “atrasados” na percepção dos alunos que dela fazem parte.

Ainda, de acordo com Karnal (2015),

O mundo em contínua transformação, as constantes alterações das diretrizes e orientações legais, o controle burocrático cada vez mais eficiente, e alunos pouco dispostos a aceitarem o universo escolar como algo útil e aplicável ao seu cotidiano provocam no educador a necessidade contínua de discussão e alteração para que a escola, em sua tarefa de educar, não se esvazie, e com ela, sua própria profissão. (KARNAL, 2015, p.57)

Não queremos aqui afirmar que as TIC's podem resolver todos os problemas educacionais que envolvem o ensino/aprendizagem e a relação professor/aluno, mas discutir a necessidade de se pensar as hipóteses e situações problema que nos cercam todos os dias. A educação (no que se refere ao fazer pedagógico) por si só não se transforma, mas é resultado de um exercício contínuo.

4.2. O digital, o virtual: o uso do celular nas aulas de história

Atualmente o celular aparece como o principal vetor de informação a qual os alunos têm acesso. Tornou-se uma porta de conexão com o mundo ao mesmo tempo que pode produzir mais solidão. Diante desta realidade é preciso se pensar estratégias que possam auxiliar o educador no que tange a utilização adequada desta ferramenta que já faz parte da rotina do educando não só no exterior da sala de aula, mas também no seu interior.

O celular faz parte das chamadas tecnologias móvel, as quais tendem a ser mais atrativas devido a sua flexibilidade e mobilidade, nos possibilitando ter acesso a uma vasta fonte de informações, além de um número significativo de aplicativos que nos auxiliam no nosso cotidiano. No espaço escolar é necessário buscar caminhos que nos permitam utilizá-lo

como recurso, visto que esta ferramenta se faz tão presente na vida dos educandos. Vemos que, mesmo sendo tão popular entre os alunos, é pouco explorada como recurso didático, isto quando é pensada como ferramenta de ensino/aprendizagem.

Neste contexto, os dispositivos móveis e, em especial o celular, têm se estabelecido como objetos socioculturais extremamente valorizados, tanto em virtude do aumento das funcionalidades dos aparelhos, tornando-se verdadeiras centrais de entretenimento, quanto em relação à dinâmica das transformações na forma como os indivíduos lidam com o espaço e com o tempo através da utilização deles. (RIBEIRO; LEITE; SOUSA, 2009, p.189)

Não há muitas pesquisas acerca das metodologias de uso desta ferramenta em sala de aula que nos direcione na nossa prática cotidiana, o que se torna ainda mais imprescindível tal discussão. O celular foi o principal problema que encontramos no ambiente escolar no decorrer do estágio, pois foi a partir da sua utilização inadequada pelos alunos que surgiram tantas dúvidas. Como motivar um aluno que “não me ouve”, pois utiliza o celular para ouvir sua *playlist*⁸ de músicas? E aquele que está acessando as redes sociais ou até mesmo jogando no momento da aula? Esta e muitas outras questões nos acompanham diariamente em nossa prática de ensino. Como planejar uma aula que contemple o uso desta ferramenta ao nosso favor (meu, enquanto educador, e, deles, enquanto sujeitos do processo de construção do conhecimento)?

Foto 04: O celular na prática de ensino



Fonte: Arquivo do autor.

⁸ Trata-se de uma lista de reprodução de músicas, as quais podem ser tocadas em sequência ou não.

Na foto acima é possível observar umas das situações constantes acerca da má utilização do celular em sala, pelos alunos, no momento da aula. Torna-se imprescindível pensar estratégias que vá de encontro com estas e muitas outras situações decorrentes da chamada sociedade em rede (CASTELLS, 1999)

Assim, perceber como se pode ensinar e aprender, formal ou informalmente, em espaços abertos e de aprendizagem colaborativa, em redes sociais na internet (RSI), como o Facebook, é um dos grandes desafios que se colocam a todos os educadores. (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p.74)

No que se refere ao ensino de história o celular pode vir como auxiliar na hora de uma pesquisa rápida acerca de alguma dúvida (internet móvel), registro (fotográfico, áudio e vídeo) de uma atividade de campo, no envio de conteúdos por meio de chats, e-mails e SMS. Acesso a alguns aplicativos de aprendizagem individual e coletiva. Alguns usos simples que não demandam uma formação específica em ciências tecnológicas. Pois alguns educadores ainda se mantêm “analfabetos tecnológicos”, enquanto os alunos já apresentam um bom domínio desta e outras ferramentas.

Na busca por metodologias que incorporem o celular na prática de ensino/aprendizagem estamos transformando o que seria um problema em uma solução. É óbvio que ainda teremos aqueles que insistirão em permanecer acessando as redes sociais ou darão outro uso ao celular no momento da aula, mas cabe a nós enquanto educadores persistir na busca de possibilidades que instiguem nos educandos interesse e criticidade acerca do saber histórico. Que estes percebam a sua aplicabilidade em seu cotidiano.

Assim, e sendo as redes sociais espaços coletivos e colaborativos de comunicação e de troca de informação, podem facilitar a criação e desenvolvimento de comunidades de prática ou de aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita. (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p.74)

Com a participação ativa dos educandos e uma formação básica dos educadores e demais funcionários envolvidos na prática educativa teremos enfim alguns avanços acerca do fazer pedagógico do conhecimento histórico. Pois de nada adianta inserir aparatos tecnológicos sem uma ação-reflexão quanto ao seu uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino vem enfrentando paradigmas educacionais que atendem as necessidades socioeconômicas e culturais no decorrer da história. E nos dias atuais temos a inserção das TIC's no espaço escolar, as quais nos impulsionam a (re)pensar o fazer pedagógico, de modo a contemplar as necessidades imediatas dos educandos das turmas da EJA.

A educação de jovens e Adultos por si só, já vem cercada de inúmeros conflitos referentes à prática de ensino que é direcionada a este público. Com os altos índices de repetências, além do grande número de alunos que evadem no decorrer do ano letivo, ainda temos que ajustar as metodologias de acordo com a realidade a que pertence os educandos que compõem estas turmas. Pois, é a partir desta aproximação entre o que se ensina e a sua utilidade prática em seu cotidiano é que encontramos os caminhos que possibilitarão despertar neste aluno o interesse e também a sua permanência no espaço escolar.

Não encontraremos resultados imediatos visto que tal sucesso é resultado de um exercício contínuo que tende a iniciar-se com o interesse do educador em ampliar seus conhecimentos adequando a sua prática à realidade educacional vigente para que posteriormente este possa vir a motivar ou despertar esta motivação já existente no próprio aluno.

No que tange o uso do celular como ferramenta de aprendizagem do conhecimento histórico, isto precisa inicialmente de um diálogo entre professor/aluno o qual conduza posteriormente as condições favoráveis a sua utilização em sala como ferramenta auxiliar a construção do conhecimento. Pois de nada adianta o educador utilizá-lo se não houver, por parte de ambos, um comprometimento e interesse em buscar novos caminhos que possibilitem a aprendizagem. O educando não é um ser passivo na dinâmica da sala de aula, mas agente responsável pela transformação das informações a ele disponibilizadas (pelo celular ou outro meio) em conhecimento, o qual se torna viável com a orientação do educador.

THE TEACHING OF HISTORY IN THE DIGITAL AGE: CHALLENGES AND PERSPECTIVES – A CASE STUDY IN YOUTH AND ADULT EDUCATION IN ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOAQUIM TORRES- SERRA DE SÃO BENTO/RN

ABSTRACT

The present work intends to analyze the difficulties encountered in the practice of teaching history in the classes of Youth and Adult Education of the Elementary School of the Escola Estadual Prof. Joaquim Tôrres in the city of Serra de São Bento/RN, with the focus of study being the use of the cell phone in the classroom. This technological apparatus is introduced in the classroom by the learners, but they are not redefined for a specific function in the teaching / learning process. Thus, it is up to the educator, together with the school community, to (re)think strategies of using this technology to aid in the apprehension and construction of knowledge. In addition to this, an appropriate use of this technology can alleviate the high dropout and repetition rate that tends to be intense in Youth and Adult Education night teaching.

Keywords: History teaching. Youth and Adult Education. Cell phone

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Resolução Nº 3, de 15 de junho de 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006. 327p.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/serra-de-sao-bento/panorama>. Acesso em: 20 de set 2017

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. 2º reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 216.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MOREIRA, José Antônio; JANUÁRIO, Susana. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.; Santos, E. (orgs.). **Facebook e educação: Publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 70-84.

RIBEIRO, J. C.; LEITE, L.; SOUSA, S. Notas sobre aspectos sociais presentes no uso das tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas. In: Nascimento, A. D.; Hetkowski, T. M. (orgs.) **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador : EDUFBA, 2009. p. 185-201.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Ação Educativa 2001.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOEK, A. M.; HARACEMIV, S. C.; STOLTZ, T. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos**. Curitiba : Ed. Positivo, 2009.

ANEXO



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
3ª DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO - Dired
ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOAQUIM TORRES - INEP 24043826
Decreto de Criação nº 8.852 de 19/01/84 - Diário Oficial nº 5.739
Avenida Fausto Mariano das Neves, S/N - CENTRO - FONE: (084) 3289-0972
SERRA DE SÃO BENTO - RN

RENDIMENTO ESCOLAR ANUAL DA EJA- 2015

TURMA EJA	MATRÍCULA INICIAL + FINAL	RESULTADO							
		APROVADOS		REPROVADOS		EVADIDOS		TRANSF.	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PERÍODO (6º e 7º ano)	13	05	38,6%	04	30,7%	04	30,7%	-	
PERÍODO 8º e 9º ano	21	12	57,1%	03	14,3%	06	28,6%	-	
TOTAL	34	17	50%	07	20,6%	10	29,4%	-	

RENDIMENTO ESCOLAR SEMESTRAL DA EJA- 2016

TURMA	MATRÍCULA INICIAL + FINAL	RESULTADO							
		APROVADOS		REPROVADOS		EVADIDOS		TRANSF.	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
5º PERÍODO (6º ano)	25	07	28%	10	40%	08	32%	-	
6º PERÍODO (7º ano)	13	05	38,5%	07	53,8%	01	7,7%	-	
7º PERÍODO (8º ano)	15	08	53,3%	07	46,7%	-	-	-	
8º PERÍODO (9º ano)	14	11	78,6%	-	-	03	21,4%	-	
TOTAL	67	31	46,3%	24	35,8%	12	17,9%	-	